

O dia de Dona Severina:

“Acordo bem cedinho, às 04 horas já estou de pé. Depois do café, vou para o roçado, cortar capim para o gado, fazer forragem, limpar o mato e regar os canteiros. Até 11h ainda colho o feijão e o que mais estiver maduro. À tarde, volto pra roça às 13h, logo depois do almoço, mesmo com o sol quente, porque tem muita coisa pra fazer até cinco horas”, explica.



Você Sabia?

Na agricultura de sequeiro são necessárias barreiras de contenção para evitar a erosão do solo. São alternativas a construção de cerquinhas de varas e a introdução de leguminosas no terreno, que servem de alimentação para os animais. São indicadas pelo menos cinco culturas no consórcio, em faixas alternadas sem repetição da mesma cultura por faixa todos os anos. As culturas devem ser plantadas de uma só vez, para evitar que uma sufoque a outra. As extremidades do sequeiro devem ser protegidas com girassóis, gliricídias, gergelim etc., que servem de barreiras contra a passagem de agrotóxicos.



Fique Sabendo!!!

Diferente da produção convencional, a produção de orgânicos não utiliza agrotóxicos, transgênicos nem fertilizantes sintéticos. Logo, são isentos de quaisquer resíduos de agroquímicos prejudiciais à saúde humana e animal, são mais seguros para o consumidor e não contaminam o meio ambiente.

Nas propriedades orgânicas, em todas as etapas de produção são utilizadas técnicas que respeitam o meio ambiente, buscando diversificar e integrar a produção de espécies vegetais e animais. Essa prática ajuda a manter a biodiversidade e torna a agricultura sustentável.

Para produzir alimentos orgânicos o produtor deve fazer um plano de manejo orgânico, ou seja, um planejamento de ações, o que auxilia como manejar a produção e seguir o caminho para a sustentabilidade. Seguir princípios e normas orgânicas resulta em alimentos seguros e saudáveis, preservação do meio ambiente, respeito e favorece as condições de trabalho do homem no campo.

<http://ciorganico.agr.br>

Agricultora sertaneja é exemplo de resistência e inovação no Semiárido



“Passei a vida na roça, lá eu me divirto. Lá é meu lugar”. É assim que a agricultora Severina Pereira Fontes, 62 anos, da comunidade Carrapato, a 13 km de Santa Cruz da Baixa Verde, Sertão de Pernambuco, descreve a sua vida, o seu trabalho e a sua história.

Mãe de 10 filhos, ela precisou trabalhar desde cedo para sustentar a família, enquanto o marido tentava a sorte nos grandes centros. “Moro aqui há mais de 50 anos e sempre trabalhei na roça, plantei, limpei, fiz de tudo para criar meus filhos. E é da roça que ainda tiro o meu sustento”, explica D. Severina, que vive ao lado dos filhos/as Rosilene (23), Leandro (22), Leonalda (21) e Leonardo (20), que apesar de trabalharem fora, ajudam a mãe com as tarefas domésticas e da roça.

“Se a pessoa ficar sentada não aprende nada. É preciso se unir para aprender umas com as outras”.

Dona Severina

O amor que Dona Severina dedica desde criança ao trabalho na lavoura foi reorganizado, ampliando a diversidade de produtos a partir da assessoria técnica que recebe do Centro de Educação Comunitária Rural (CECOR)



Símbolo da mulher sertaneja corajosa e destemida, D. Severina não se isola no tempo. Participa da Associação Municipal Mulher Flor do Campo, da Associação de Moradores do Sítio Carrapato (AMOSCAR), do Grupo de Mulheres de Carrapato Flor do Mandacaru, é sócia do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais e membro da Associação Agroecológica do Pajeú (ASAP), que reúne agricultoras e agricultores que trabalham com culturas orgânicas, a exemplo do algodão. “Se a pessoa ficar sentada não aprende nada. É preciso se unir para aprender uns com os outros”.

O amor que Dona Severina dedica desde criança ao trabalho na lavoura foi reorganizado, ampliando a diversidade de produtos a partir da assessoria técnica que recebe do Centro de Educação Comunitária Rural (CECOR). Ao lado da casa onde mora há trinta anos, mantém um sistema de cultivo consorciado numa área de aproximadamente 01 hectare, através da agricultura de sequeiro. No consórcio tem de tudo. Milho, feijão, fava, abóbora, banana, pinha, mamão, capim, leguminosas, palma forrageira, ervas medicinais, flores e algodão, uma produção diversificada que enriquece a terra e garante um amplo poder sobre a soberania e segurança alimentar da família e dos animais.



Aqui tem de tudo: Milho, feijão, algodão, abóbora, banana, pinha, roseiras, ervas medicinais e hortaliças.



Sequeiro de D. Severina é exemplo de convivência com o Semiárido

Por causa da estiagem, não foi fácil cultivar o algodão, mesmo assim ela não desistiu. “Há três anos tento plantar o algodão e não tinha dado certo por causa da seca, agora com as chuvas meu algodão já está pronto para ser colhido”, comemora a agricultora que não viu limites na hora de inovar e já tem direito ao Selo de Certificação Orgânica Participativa, que está em processo de encaminhamento e será liberado para os sócios e sócias da ASAP após a colheita da produção. O selo é concedido pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), de acordo com a Lei dos Orgânicos, Nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003, que regulamenta a produção, o armazenamento, a rotulagem, o transporte, a certificação, a comercialização e a fiscalização dos produtos.

No ano de 2014, D. Severina recebeu uma Cisterna Calçadão do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2). A cisterna tem capacidade para 52 mil litros e está cheia, possibilitando a produção de hortaliças e frutíferas.

“A melhor coisa que achei foi a cisterna calçadão. Antes eu tinha só um pouco de água do poço, que quase secou, agora posso fazer meus canteiros e regar todo dia”



D. Severina utiliza canteiro lonado, que economiza água e mantém a umidade do solo



Assim como milhares de sertanejos/as, D. Severina teve dificuldades para enfrentar a estiagem prolongada, no entanto, conseguiu salvar maior parte do rebanho com os três silos que tem na propriedade. Ela sabe que o problema do Semiárido não é a seca, mas a falta de experiência para enfrentá-la. Por isso, ampliou a plantação de capim e diariamente armazena silagem pensando no futuro dos animais.

“Disseram que era para eu vender meus animais, que iriam morrer de fome, mas quem é do Sertão não se desfaz dos seus bichinhos. Lutei e consegui salvá-los”, completa a agricultora orgulhosa do seu trabalho e de ter enfrentado à seca com dignidade.

Para ter direito ao Selo de Certificação Orgânica Participativa, D. Severina precisou bater curva de nível, conter a erosão, fazer rotação de culturas e não pode usar agrotóxico na produção.